

# HIPERTEXTO, DIVERSIDADE E GÊNERO TEXTUAL NO *FACEBOOK*

Mestrando Julio Cesar Oliveira Bernardo<sup>1</sup> (UFTM)

## **Resumo:**

O ciberespaço se apresenta atualmente como local de interação humana, alicerçado na comunicação, informação e socialização virtual. Sua diversidade e complexidade permitem considerá-lo ambiente favorável ao processo de ensino e aprendizagem. O hipertexto surge como nova possibilidade de construção do circuito informativo, devido à nova dinâmica estabelecida para a prática da leitura e à redefinição de autoria em decorrência da reconstituição coletiva do complexo textual. Nesse contexto digital surgem as redes sociais, entre elas o *facebook*, ferramenta da *web* que pode propiciar uma gama de ações em prol do ensino, como análise de gêneros, intenções e instâncias discursivas, leituras e releituras, tipos de argumentos, *ethos* discursivo entre outras atividades de ensino e aprendizagem voltadas para docência da Língua Portuguesa, por meio de textos multimodais, que naturalmente ilustram a essência visual e comunicativa do espaço da rede social. A diversidade se insere na rede social enquanto constatação de um espaço público, democrático e heterogêneo, capaz de congrega comunidades e grupos em seus variados anseios e afinidades. Este estudo visa demonstrar a viabilidade do *facebook* enquanto fonte potencial de formação educacional na pedagogia dos multiletramentos e evidenciar as possibilidades de análise da complexidade textual em seus ambientes de interação. A partir de uma abordagem exploratória, documental e bibliográfica, serão considerados estudos e teorias sobre hipertextualidade, tipologia textual, gênero textual e transmutação de gêneros, níveis de compreensão de leitura e etnografia virtual. Serão analisados na própria plataforma da rede social textos disponibilizados em espaços de interação e exposição de ideias, no contexto da locução e da interlocução, difundidos por meio dos variados comandos de execução facilitados pelo *facebook*.

**Palavras-chave:** rede social, leitura, gênero, hipertexto.

## **1 Introdução**

A leitura é um processo inerentemente humano. Ler é articular o pensamento e atribuir significado ao que se codifica, decodifica e observa. A observação crítica, nesse aspecto, é o que possibilita a projeção do processo cognitivo. Percebe-se que os meios de leitura, enquanto recursos que materializam o texto, sofreram, ao longo das últimas décadas, relevantes transformações.

O desenvolvimento da imprensa, a publicação em escala de livros e periódicos popularizaram a leitura. Além disso, a posterior inserção da leitura no ambiente virtual atribuiu-lhe uma nova gama de significados no processo comunicativo.

A leitura no contexto e no meio digital veio reconfigurar o processo de cognição. A ascensão das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) veio nitidamente potencializar o tratamento das informações. Nessa nova era tecnológica surgem os multiletramentos, enquanto conjunto de práticas pedagógicas alicerçadas e contextualizadas com a cultura digital.

Pierre Lévy foi um dos precursores a reconhecer os benefícios inerentes a esses novos espaços educacionais e culturais:

considerar o computador apenas como um instrumento a mais para produzir textos, sons ou imagens sobre suporte fixo (papel, película, fita magnética) equivale a negar sua fecundidade propriamente cultural, ou seja, o aparecimento de novos gêneros ligados à interatividade. O computador é, portanto, antes de tudo, um operador de potencialização da informação (LÉVY, 1996, p. 41).

Nesse ambiente de leitura e tecnologia digital, marcado pelo ciberespaço, a internet trouxe reconfigurações ao processo de leitura. A leitura passou também a se apresentar de maneira multimodal, fragmentada, subdividida, inserida, enfim, em uma mixagem de linguagens e recursos visuais. A leitura passou, portanto, a se firmar em um novo estilo de comunicação.

Nessa atmosfera de diversidade e de novas possibilidades para efetivação de práticas de leitura, observa-se a instigação à interação, à comunicação humana em si. Por meio da ascensão midiática digital, as pessoas passaram a se comunicar mais, conversar mais, escrever mais. As pessoas passaram a se inserir mais enquanto locutores e interlocutores num processo de imersão social. A internet possibilitou, entre inúmeras situações, a formação de uma rede social virtual, complexa, plurissignificativa e inclusiva.

O objetivo deste estudo é identificar na rede social *facebook* seu aparato discursivo de interação e socialização e suas potencialidades pedagógicas. Na atualidade, o *facebook* representa um instrumento de relevante inserção social. Entre as redes sociais virtuais é a que mais se popularizou, uma das mais utilizadas no mundo e constitui uma plataforma passível de ser aproveitada no processo de ensino e aprendizagem. Seu potencial de hipertextualidade e acessibilidade confirma suas propriedades como instigante recurso para o aperfeiçoamento das práticas de leitura.

## **2 Contexto metodológico**

Ao se delinear pesquisa envolvendo o ciberespaço, suas peculiaridades atemporais e suas estruturas voltadas para a interação entre os seus usuários, sujeitos desse espaço virtual, é preciso, fundamentalmente, recorrer a uma submersão nesse ambiente virtual, verificando e testando suas potencialidades para efetivação da aprendizagem.

Nesse sentido, este estudo recorre a elementos da etnografia virtual, que Hine (2010) apresenta enquanto análise contextual do espaço virtual, considerando as relações sociais entre as pessoas diante da construção de um espaço cotidiano de interação humana a partir de ambientação no mundo digital.

Uma averiguação atenta do ambiente virtual, da rede social em si, procurou observar o contexto de uso do *facebook*, as condições de interação com os recursos da plataforma e a interação discursiva. Essa conduta foi substancial para se familiarizar com a plataforma e identificar suas reais potencialidades para o processo de ensino e aprendizagem.

Este estudo também se mostra exploratório, com caráter documental e bibliográfico. Percorreram-se procedimentos enumerados por Lakatos (1992), seja a escolha do tema, diante de um problema de pesquisa, a elaboração do plano de trabalho, a identificação, a localização, a compilação e o fichamento de dados relevantes e a análise crítica dos textos. A relevância da pesquisa bibliográfica foi ratificada:

o professor deve lembrar-se de que a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito e escrito sobre um determinado

assunto. Como todos os demais tipos de pesquisa, a bibliográfica exige do pesquisador a reflexão crítica sobre os textos consultados e incluídos na pesquisa. (MOREIRA; CALEFFE, 2006, p. 74).

A análise documental também se fez presente, sobretudo no contexto da hipertextualidade presente no *facebook* que provoca, conseqüentemente, um emaranhado de textos inter-relacionados. Lüdke e André (1986, p. 38), sobre a pesquisa documental, confirmam que “pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema”. Os textos passaram predominantemente por um tratamento qualitativo.

### **3 *Facebook*: entre hipertextos e gêneros**

No aspecto operacional, o *facebook* constitui uma plataforma com instigante suporte interativo. Quando o usuário registra um comentário ou insere (posta) um texto na plataforma, torna-se um locutor instantâneo para uma quantidade incalculável de receptores. Comunica-se em velocidade e diversidade vertiginosas.

A praticidade em postar textos possibilita a criação contínua de acervos hipertextuais. Gabriel (2013, p. 19), no contexto educacional, também salienta que “a hiperconexão por meio das redes sociais e a internet não apenas modifica o processo de aquisição de conteúdos/informação por meio do professor (...), catalisa processos de aprendizado fora da sala de aula”.

Dessa forma, a difusão e a disseminação de ideias em rede são, no *facebook*, práticas potencializadoras da hipertextualidade. A interface, possibilitada pela plataforma do *facebook*, ratifica-se com um manuseio simples, espontâneo, que se familiariza naturalmente ao usuário.

É interessante observar que o *facebook*, embora rede social fechada, visto que exige para sua utilização completa a criação de uma conta (cadastro) de usuário, admite consulta sem *login*, ou seja, seu poder de alcance é realmente elevado em comparação a outras plataformas. Os conteúdos postados permitem *hiperlinks* que direcionam o usuário para o espaço virtual em geral, desdobrando-se em sites diversos. A hipertextualidade é uma tônica real no contexto do *facebook*.

Sobre a potencialidade pedagógica do hipertexto e sua relação na sociedade moderna, no contexto da cultura digital, observa-se:

Logo, não seria exagero afirmar que o hipertexto invadiu irreversivelmente a nossa vida. Na Era do Hipertexto, quem resistir a viver sem ele “já era”, ou pelo menos, terá dificuldades de inserção social e profissional. Sim, precisamos aprender a conviver com ele. Temos que o conhecê-lo cada vez mais para tirar-lhe o máximo do seu potencial comunicativo, socializador, educacional e humano que espera por nossa exploração. É necessário começarmos a dominá-lo sem até mesmo saber quando esgotaremos essa exploração, pois o hipertexto é um ponto de partida sem porto de chegada; (XAVIER, 2009, p.17)

Nessa mixagem hipertextual, recorrente nos recursos digitais do *facebook*, observam-se o desdobramento e a recriação de gêneros textuais. O *facebook*, enquanto espaço propício de leitura e reprodução de texto, apresenta uma diversidade no campo

da comunicação, recriando-se e se renovando em sua complexidade. Quanto a essa efervescência da linguagem e transformação dos gêneros textuais, ratifica-se que

os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita. (MARCUSCHI, 2003, p. 19)

Diante da versatilidade textual do *facebook* e de seu caráter fomentador de mudanças na comunicação e expressão, percebe-se que realmente essa plataforma possibilita, por meio de seu material textual, um ambiente de recriação e redescobertas de gêneros textuais, o que vem ao encontro da transmutação de gêneros evidenciada por Bakhtin.

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. (BAKHTIN, 1997, p. 158)

**Figura 01**



Fonte: <http://facebook.com> (2014)<sup>1</sup>

Nota-se que a alternância na apresentação, deformação, formatação, intertextualidade e hibridização dos textos livremente dispostos e continuamente alterados e ressignificados no *facebook*, característica pulsante nessa rede social, denunciam isso. Observa-se na **Figura 01**, uma postagem da rede social, a mesclagem da linguagem verbal com a visual, a complementação que uma exerce à outra e amplia a significação textual, características recorrentes em textos multimodais. Esse tipo de

<sup>1</sup> Disponível em: < <https://www.facebook.com/editoracleofas/photos/a.340326022664501.88773.243280842369020/809389865758112/?type=1&theater> > Acesso em: 15 ago. 2014

ocorrência textual acaba se tornando um gênero textual, que pode ser denominado “postagem de rede social”, visto que em nenhum outro meio exerceria esse papel em toda sua amplitude.

Sobre essa metamorfose textual, marcada pela itinerância discursiva e enunciativa, que de certa maneira é o elemento que atribui valor e diversidade à rede social, também se observa

Não só cada gênero está em incessante alteração; também está em contínua mudança seu repertório, pois, à medida que as esferas de atividade se desenvolvem e ficam mais complexas, gêneros desaparecem ou aparecem, gêneros diferenciam-se, gêneros ganham um novo sentido. Com o aparecimento da internet, novos gêneros surgem: o chat, o blog, o email, etc. (FIORIN, 2008, p. 65)

Figura 02



Fonte: <http://facebook.com> (2014)<sup>2</sup>

Percebe-se que os textos se adaptam ao meio e aos recursos da plataforma. Essa migração e flexibilização textual deixa marcas em sua natureza, imprimi tonalidades em seu discurso. A **Figura 02**, também uma postagem de rede social, apresenta bem a plasticidade desse gênero, sobretudo pela ambiguidade, ironia e pelo desencontro casual na intenção dos discursos do emissor e do receptor, fato que justamente atribui um desfecho inesperado ao texto. É, pois, um processo comunicativo alimentado pela multimodalidade, hibridização digital e transmutação dos gêneros.

Na **Figura 03**, há uma postagem com o objetivo de divulgação, apontando um *hiperlink*. Quanto a essa postagem especificamente, observam-se doze compartilhamentos que podem, naturalmente, serem recompartilhados continuamente. É o fenômeno da propagação digital, que desencadeia acessos múltiplos, concretizando o *hiperlink* e a hipertextualidade. Essa propagação imensurável ratifica o caráter popular da rede social, plataforma que chama atenção de vários segmentos sociais justamente pela facilidade de acessibilidade e capacidade de exposição.

---

<sup>2</sup> Disponível em: < <https://www.facebook.com/Humordido/photos/a.234652566592252.55845.234651986592310/733782266679277/?type=1&theater> > Acesso em: 15 ago. 2014

**Figura 03**



Fonte: <https://www.facebook.com/> - ADAPTADO pelo autor. Acesso em: 20 ago. 2014

É importante também se atentar para o fato de que essa versatilidade de campos para a leitura e a instigação ao uso do *hiperlink* acabam inevitavelmente redimensionando a autoria do que se lê. Segundo Demo (2009, p.16), no contexto da era digital "torna-se claro que nenhum texto pode ser tomado como final ou como autoridade definitiva. Todos ficam em andamento, abertos a novas evoluções". A autoria passa a ser coletiva, mas cada leitor constrói seu itinerário informativo e dele tira seu proveito e efetiva seu conhecimento. No *facebook* observa-se um aglutinamento de indivíduos em torno de conteúdos dispostos, ou seja, comunidades com interesses e ideias em comum se procriam continuamente, formando uma teia de diálogos e discursos.

Nas atividades realizadas a distância, por meio de mídias digitais, instituições educacionais, como universidades, escolas técnicas, cursos preparatórios ou de treinamento em geral são encontradas diferentes plataformas digitais, entre elas, as mais difundidas, a plataforma *moodle*, sobretudo no nível da Educação Superior. Estudo envolvendo discentes do 8º período de um curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco, realizado por Panerai e Araújo (2012), comparou a plataforma *moodle* com o *facebook*. Demonstraram nesse estudo que o *moodle* muitas vezes se apresenta como um espaço virtual elaborado sem observar a eficácia de seu alcance e operacionalização, pouco contextualizado e flexível, resultando em um “ambiente engessado” e com deficiência de interatividade.

Uma plataforma, por mais complexa que seja, não deve deixar de optar pela simplicidade e objetividade quanto ao manuseio. Deve envolver o usuário, com interface intuitiva, ser naturalmente agradável e em consonância com a praticidade do mundo digital.

Quanto ao *facebook*, essa pesquisa envolvendo discentes do curso de Pedagogia apontou vantagens substanciais quanto à sua utilização no processo de ensino de aprendizagem:

Em relação ao universo educativo, o Facebook apresenta um grande potencial, possibilitando aos alunos a realização de trabalhos em grupo, permitindo o compartilhar interativo sobre as aulas ministradas, favorecendo o aumento da curiosidade e da motivação sobre os temas abordados e disponibilizando links para textos, vídeos e outros sites de interesse coletivo. Ou seja, é um ambiente que

favorece a construção colaborativa do conhecimento, o compartilhamento de informações e a cocriação. (PANERAI; ARAÚJO, 2012, p.7)

Outra pesquisa apontando as potencialidades do *facebook* demonstra a viabilidade do uso no processo de ensino e aprendizagem, ao passo que a rede “(a) promove uma cultura comunitária virtual e aprendizado social; (b) oferece suporte para abordagens de aprendizagem inovadoras; (c) motiva os alunos; (...)” (RABELLO E HAGUENAUER, 2011, p.13)

O *facebook* se mostra viável no processo de ensino e aprendizagem, certamente por sua objetividade operacional. Seus comandos, como visto, possibilitam familiarização (domínio) no manuseio, o que integra a relação entre usuário e plataforma. O *facebook* oferece uma interface mais facilitada e intuitiva, tornando-se ferramenta de uso comum, para imigrantes digitais e sobretudo para nativos digitais (PRENSKY, 2001).

A partir da fluência operacional do *facebook*, percebe-se que a plataforma instiga o usuário a operá-la e se fazer personagem dela. O *facebook* permite se inserir no contexto do diálogo digital, marcado pela consonância entre a relação emissor-receptor com o diferencial da continuidade ininterrupta de emissão, ou seja, é marcado pela emissão intermitente de voz, sem as pausas comuns do diálogo tradicional.

O *facebook* se mostra ferramenta de expressão, que entre várias situações de interação aflora a socialização humana. É interessante pontuar que o *facebook* instiga o pensamento humano, observando-se, no entanto, que “as pessoas em sua essência são sempre as mesmas, independente do suporte pelo qual se relacionam” (GABRIEL, 2013, p. 202). A plataforma permite ao usuário se lançar mundo virtual a fora, possibilitando-o a se tornar um sujeito ativo também no ciberespaço, numa fusão entre o ser *on-line* e o *off-line*, num nascedouro textual contínuo.

## Considerações finais

É bem comum na atualidade o indivíduo ter uma conta no *facebook*. É trivial para proporção considerável da população mundial. Mais que um endereço digital é a existência sociodigital, um espaço de convivência virtual, que de fato vem modificando a maneira de convivência das pessoas.

Pesquisas mais focadas nas complexidades de leitura, comunicação e expressão submersas nessa plataforma se fazem mais necessárias na literatura, embora as já produzidas apontem caminhos auspiciosos para estudos mais aprofundados sobre leitura multimodal. O cérebro humano é versátil, estudos de neurociências transpassam as fronteiras da Psicologia e da Medicina e mostram a neuroplasticidade, a capacidade de se adaptarem estratégias de ensino a cada indivíduo (DEHAENE, 2012, p. 17).

Providencial será de fato quando a rede social invadir as escolas ou, melhor ainda, as escolas invadirem as redes sociais e delas aproveitarem seus recursos e suas potencialidades, com o dinamismo que esse ato pedagógico requer.

Certamente, nessa rede social há um horizonte a se explorar, numa pedagogia de multiletramentos cujos produtos de ensino e aprendizagem são imensuráveis. É preciso mudar, transformar. “Fundamental é reconhecer que, hoje, posições rígidas apenas fossilizam o conhecimento.” (DEMO, 2010, p. 273).

## Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DEHAENE, S. **Os neurônios da leitura**: como a ciência explica a nossa capacidade de ler. Tradução de Leonor Scliar-Cabral. Porto Alegre: Penso, 2012.

DEMO, P. **Educação hoje**: novas tecnologias, pressões e oportunidades. São Paulo. Atlas, 2009.

\_\_\_\_\_. **Desafios modernos da educação**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

GABRIEL, M. **Educ@ar** – A (r)evolução digital na educação. São Paulo: Saraiva, 2013.

HINE, Chistine. **Virtual ethnography**. London: Sage, 2000.

LAKATOS, M. E. MARCONI, M. A. **Metodologia do Trabalho Científico**. 5 ed. São Paulo. Atlas, 2003.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo. Ed. 34, 1996.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M. A. (orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36

MOREIRA, H.; CALEFFE, L.G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DPA; 2006.

PANERAI, T.; ARAÚJO, R. O moodle e o facebook como ambientes pedagógicos: possibilidades e limitações. In: SIMPÓSIO HIPERTEXTO E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO, 4, 2012, Recife-PE. **Anais eletrônicos...** Recife-UFPE, 2012. Disponível em: <<http://www.nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2012/ThelmaPanerai&RenataAraujo-Omoodleofacebook.pdf>> Acesso em: 15 ago. 2014.

PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants**. NCB University Press, Vol. 9, Nº 5, 2001. Disponível em: <<http://www.nnstoy.org/download/technology/Digital%20Natives%20-%20Digital%20Immigrants.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

RABELLO, C. R. L.; HAGUENAUER, C. Sites de Redes Sociais e Aprendizagem: Potencialidades e Limitações. In: **Revista EducaOnline**, Vol. 5, nº 3, 2011. Disponível em: <<http://www.latec.ufrrj.br/revistas/index.php?journal=educaonline&page=article>>



&op=view&path[]=189&path[]=303>. Acesso em: 15 ago. 2014.

XAVIER, A. C. **A era do hipertexto**: linguagem e tecnologia. Recife: UFPE, 2009.

---

<sup>i</sup> **Julio Cesar Oliveira BERNARDO, Mestrando.**

Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM – Uberaba - MG

Programa de Pós-Graduação em Educação

juliobernar78@hotmail.com